

TRADUZIR TEORIAS DE TRADUÇÃO EM UMA PEDAGOGIA COLABORATIVA: UM PROCESSO DE METATRADUÇÃO

*TRANSLATING TRANSLATION THEORIES INTO COLLABORATIVE PEDAGOGY:
A METATRANSLATION PROCESS*



Monique PFAU

Professora

Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2813361820674391
orcid.org/0000-0002-6388-5737
moniquepfau@hotmail.com

Nathalia Gabriela Lopo FERREIRA

Mestranda

Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/0256298290112344
orcid.org/0009-0000-8735-8221
natglopo@gmail.com

Fernanda da Silva Góis COSTA

Doutoranda

Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4443628036930956
orcid.org/0000-0002-6121-1106
nandacosta1995@gmail.com

Poliana Santana Pinheiro dos
SANTOS
Professora substituta
Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia
Amargosa, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/0563458929805765
orcid.org/0009-0009-8057-2570
polianaspss@gmail.com

Ariella Beatriz Gama Gomes da
SILVA
Graduada em Letras/Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/7447309786098994
orcid.org/0009-0004-7877-3385
ariella.1@hotmail.com

Sacha Costa Primo PEREIRA

Graduada em Letras

Universidade Estadual de Santa Cruz
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/5200188201246434
orcid.org/0009-0003-2464-7810
sachaprimo@gmail.com

Matheus Santos SILVA
Graduado em Letras Inglês e
Vernáculas
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/3258909497547899
orcid.org/0009-0009-3177-909X
mass_wm@hotmail.com

Amanda Hora da SILVA
Graduada em Letras/Inglês
Graduanda em Letras/Espanhol
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/9524847623967215
orcid.org/0009-0002-7595-9200
amandalhs@ufba.br

Ana Clara Cerqueira Santos de
SOUZA

Graduada em Letras/Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2470253818229524
orcid.org/0009-0001-0593-0771
anaclaracss21@gmail.com

Letícia Vitória Pimentel da SILVA
Graduada em Letras Inglês e
Vernáculas
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4189743420534031
orcid.org/0009-0006-9105-6166
leticiapimentel45@gmail.com

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão do processo de tradução a partir da tradução de sete artigos de teorias da tradução escritos por mulheres e homens do Sul Global e Norte Global em uma



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

abordagem de pedagogia colaborativa. Desse modo, a discussão foi dividida em seis seções: colaboração e incerteza, terminologia, relação com teorias paralelas, contextos interculturais, interferências e posicionamentos políticos. A análise de metatradição sob o viés da pedagogia colaborativa (Esqueda, 2019) em uma correlação entre prática e teoria (Echeverri, 2017) evidenciou a pesquisa e tomada de decisões em coletividade durante o processo. A colaboração apresentou-se eficaz na tradução de textos teóricos no que diz respeito tanto à formação de tradutores/as quanto à formação de tradutólogos/as, com base nos conhecimentos individuais críticos e reflexivos sobre os Estudos da Tradução compartilhados em grupo. Alinhado a isso, a tradução colaborativa corrobora a troca de saberes entre os/as integrantes, enriquecendo o ensino-aprendizagem e contribuindo para a autonomia de tradutores/as.

Palavras-chave: Estudos da tradução. Tradução de teoria. Tradução colaborativa. Metarreflexão. Didática da tradução.

Abstract: This paper aims to present a reflection on the translation process by translating seven articles on translation theories written by women and men from the Global South and Global North into a collaborative pedagogical approach. Thus, this discussion is divided into six sections: collaboration and uncertainty, terminology, relationship with parallel theories, intercultural contexts, interference, and political positions. This study aims to analyze meta-translation from the perspective of translation pedagogy (Esqueda, 2019) intertwined with practice and theory together in learning (Echeverri, 2017), highlighting research and collective decision-making during the process. The results show effectiveness in translating scientific/academic texts for the translators' education and for translation scholars, which enhanced their critical knowledge regarding Translation Studies. Additionally, collaborative translation supports the exchange of knowledge between members, enriching the teaching-learning process, and contributing to the autonomy of translators.

Keywords: Translation Studies. Translation of theory. Collaborative translation. Meta-reflection. Didactics of translation.

2

Introdução

O grupo de pesquisa *Textos Fundamentais em Tradução (Key Texts in Translation — Kit)* traduz teorias de tradução sob uma perspectiva pedagógica. O projeto “Metatradição como método pedagógico para formação de tradutores/as” tem como proposta o ensino e a aprendizagem de tradução de teorias de tradução. A metatradição é a reflexão do fazer tradutório e pode ser pensada como um método de aprendizagem, pois textos de teoria de tradução são traduzidos em trocas pedagógicas.

Nosso objetivo aqui é observar como a tradução de teorias de tradução influencia, direta ou indiretamente, a reflexão sobre o fazer tradutório dos/as integrantes do grupo, de estudantes de graduação e pós-graduação em Letras junto à professora proponente, considerando que todos/as assumem o papel de tradutores/as e pesquisadores/as. A premissa é articular-se aos textos e ao fazer tradutório colaborativamente com a proposta de ativar a aprendizagem por meio da troca de saberes. Assim, este artigo também foi escrito em colaboração com base nas nossas experiências, discutidas ao fim do projeto.

A seleção do *corpus* contemplou sete textos-fonte em inglês: seis artigos de pesquisa e um roteiro de apresentação de uma palestra convertido em artigo. A autoria contempla mulheres e homens de países do Sul Global e Norte Global discutindo assuntos diversificados

no universo da tradução (tradução audiovisual, tradução técnico-científica, feminismo indiano, teatro subsaariano, [semio]tradução e desenvolvimento, universalismo e emancipação, e teoria do *Skopos* e incertezas).

Consoante à proposta de reflexão, baseamo-nos em estudos sobre pedagogia da tradução, tradução colaborativa e metatradução. Por fim, categorizamos as reflexões individuais e coletivas em seis tópicos sobre a experiência de aprendizagem tradutória por meio das teorias de tradução.

Metarreflexão em uma pedagogia crítica de tradução

Para observar a metatradução sob uma perspectiva pedagógica, consideramos algumas questões acerca da pedagogia da tradução. Sabemos que o ensino e a aprendizagem de tradução constituem uma relação de trocas ou uma relação “de mão dupla”, como afirma Malta (2022):

3

... ao ensinar o professor também aprende, e vice-versa; o estudante ao aprender, também ensina por meio de suas experiências pessoais trazidas para a sala de aula. Na posição de ensino, de professor, assumir uma postura (auto) reflexiva e receptiva pode contribuir para que a mencionada relação aconteça de forma mais harmônica e os objetivos de aprendizagem sejam alcançados. (Malta, 2022, p. 57)

Se o fazer pedagógico se constrói pelas trocas de saberes entre os/as participantes, todos/as podem contribuir com suas leituras e experiências de vida. Na tradução, conhecimentos diversificados, tanto de tradução quanto de questões relacionadas, direta ou indiretamente, à tarefa podem ser úteis. Em vista disto, Malta se mostra crítico a modelos didáticos engessados, com caráter generalista e projetados para as necessidades do mercado, pois podem apagar as idiossincrasias e formas locais de aprender e ensinar.

Nesse sentido, podemos nos projetar a uma pedagogia crítica (Freire, 2021) que busca diagnosticar as realidades sociais e agir de acordo com as necessidades e os desejos dos/as estudantes e seus meios. Conforme proposto por Pfau (2023, p. 240), uma pedagogia crítica da tradução coloca a comunidade em contato com discursos, saberes e necessidades do universo da tradução em trocas de conhecimentos interculturais entre docentes, discentes, sociedade e alteridade.

Quais são, então, as necessidades e os desejos do ambiente pedagógico de tradução no qual atuamos? Na Universidade Federal da Bahia não contamos com bacharelado ou

especialização em tradução, apesar do desejo de muitos/as estudantes em conhecerem, pesquisarem, praticarem e refletirem sobre o assunto. Essa necessidade e o desejo não supridos se acumulam nos pedidos para ingressar nos grupos de pesquisa em tradução, nos projetos extensionistas de formação de tradutores/as e na realização de trabalhos de conclusão de curso que abordem a tradução. Na pós-graduação, por outro lado, dois programas do Instituto de Letras oferecem linhas de pesquisa em tradução. Ainda assim, sabemos que a natureza da pós-graduação se direciona mais para a formação de pesquisadores/as do que de tradutores/as.

Levando em consideração o desejo e a necessidade dos/as estudantes pela prática e pesquisa, acreditamos que projetos de pesquisa podem oferecer uma formação crítica de tradutores/as junto à sua formação em Letras. Esse tipo de abordagem certamente não se assemelha a programas acadêmicos de bacharelado em tradução, pois apresentam formas de organização diferentes. No entanto, algumas questões merecem ser observadas nos currículos de bacharelado em tradução e podem ser exploradas com mais atenção em grupos de pesquisa.

José Luiz Vila Real Gonçalves (2020) observa que, atualmente, parece haver uma subvalorização dos componentes teóricos e metateóricos nos currículos de formação acadêmica de tradutores/as. Ele discute o predomínio de componentes voltados sobretudo para a prática e reflete sobre a expansão de mais conhecimento teórico e metateórico sobre tradução. O autor defende que quanto maior o número e mais profundas forem as inferências produzidas no ato tradutório, mais chances o/a tradutor/a terá de encontrar soluções para seus problemas.

Dessa perspectiva, não só os processos envolvendo os conhecimentos procedimentais e declarativos seriam suficientes para o sucesso das soluções tradutórias, mas, em alguns casos, os processos metacognitivos deveriam ser acionados, com instâncias de metarrepresentação e metarreflexão, o que muitas vezes envolverá o acesso a conhecimentos explicativos. (Gonçalves, 2020, p. 39)

Compreendendo que o processamento pragmático leva ao estratégico, Gonçalves prevê uma tendência maior para os componentes teóricos e metateóricos no sentido de refletir sobre as complexidades da tradução, já que, como ele coloca, os sistemas automáticos podem ficar com a parte mecânica. Assim, traduzir teorias de tradução em uma abordagem pedagógica incentiva maior atenção a estudos teóricos e metateóricos, além da prática tradutória. Nessa linha de pensamento, a tradução de teorias da tradução, uma atividade que obrigatoriamente une prática e teoria, pode mais abertamente incitar a metarreflexão.

Dessa maneira, é interessante observar como alguns/mas professores/as pensam essa metarreflexão em suas próprias situações pedagógicas. A professora Alba Escalante (2023), por exemplo, considerando sua experiência como psicanalista e tradutora, relatou como foi trabalhar com tradução e psicanálise em uma disciplina de bacharelado em tradução. Nesse sentido, ensinar tradução de textos de um campo de conhecimento que o/a professor/a tem experiência e/ou formação pode ser uma atividade benéfica. Ciente de que “[...] às vezes, é a familiaridade que produz pontos cegos” (Escalante, 2023, p. 85), a autora percebe a contribuição de seu conhecimento dentro dos territórios inconstantes da psicanálise. Mesmo que os/as estudantes não tenham conhecimento aprofundado no campo, a presença da professora pode abrir espaço para uma reflexão mais profunda sobre psicanálise e tradução.

Essa ideia acompanha o que Michael Henry Heim & Andrzej Timowski (2006) sugerem nas diretrizes do perfil de tradutores/as profissionais de ciências sociais: dentre outros elementos, em uma situação idealizada, seriam cientistas sociais, pois a escolaridade supostamente serve como guia para decisões mais informadas e seguras. Por essa razão, mas certamente não somente por ela, atividades de tradução de teorias de tradução em um ambiente de pesquisa e formação de tradutores/as orientado por uma professora de tradução, tradutora e tradutóloga podem ser frutíferas.

5

De qualquer forma, supõe-se que qualquer professor/a de tradução tenha formação e experiência com tradução. Porém, podemos pensar que a tradução de teorias de tradução é teoria na prática, e prática na teoria. Essa questão será aprofundada à frente ao discutirmos a metatradução propriamente dita.

Dinâmicas colaborativas de aprendizagem

Em linhas gerais, Marileide Esqueda (2019, p. 50) entende que o ato de traduzir é, por si só, colaborativo, tendo em vista que o/a autor/a, o/a tradutor/a, o/a revisor/a e o/a leitor/a participam em algum nível do processo de tradução. Assim, se a tradução é colaborativa por si só, como a autora afirma, podemos esperar que o ensino e a aprendizagem em tradução também sejam. Semelhante às nossas atividades no grupo de pesquisa, Esqueda sugere uma dinâmica de divisões de trabalho entre os/as estudantes que seja orientada de perto, contextualizada e discutida a fim de contribuir para uma aprendizagem integrada. Nessa proposta, a didática fornece condições de aprendizagem na conciliação entre teoria e prática.

Seguindo uma linha de raciocínio semelhante, Don Kiraly (2012) discute tradução colaborativa sob uma perspectiva socioconstrutivista. Ele observa o pensamento coletivo como

a principal chave para a produção de um trabalho com resultados mais controlados e completos dentro da proposta de tradução. Propondo uma abordagem “holística-experimental”, que enfatiza o papel proativo dos/das estudantes por meio de suas próprias experiências, Kiraly pensa a pedagogia com base em projetos de tradução autênticos e colaborativos em situações reais junto a colegas, professores/as, revisores/as, possíveis solicitantes e usuários/as do material. A colaboração com colegas e professores/as, segundo o autor, estimula o desenvolvimento da aprendizagem tradutória.

Nessa visão, os tradutores não são treinados, eles emergem. Na verdade, eles coemergem com seus colegas aprendizes, seus professores, as instituições que frequentam e toda a comunidade de prática de tradução com a qual e com quem eles interagem, à medida que se tornam aos poucos mediadores profissionais da língua. (Kiraly, 2023, p. 13, tradução de Esqueda, Ferreira & Moraes)

Esse é o modo de trabalho do grupo Kit: nós, tradutores/as-pesquisadores/as (estudantes e professora) coemergimos juntos/as ao e atravessados/as pelo meio no qual estamos inseridos (o grupo em si, a universidade, a comunidade acadêmica, a sociedade, os textos e contextos específicos). Nesses fundamentos nos organizamos: traduzimos textos autênticos de teorias de tradução para publicação em acesso livre pensando em um público composto por pesquisadores/as, docentes e discentes proficientes em português brasileiro interessados/as direta ou indiretamente em tradução nas suas variadas facesⁱ. Com apoio da teoria funcionalista de tradução (Nord, 2016a), analisamos os textos-fonte e projetamos as traduções para o contexto cultural de circulação. Nesse sentido, a tradução colaborativa acontece em diferentes esferas de relacionamento e de modo específico. Nos próximos parágrafos, relatamos e refletimos sobre nossas colaborações.

A primeira etapa de colaboração entre o grupo começou e recomeçou em cada novo texto a ser traduzido. A atividade contou com a leitura individual do texto-fonte seguida de uma análise coletiva conforme os fatores de análise extra e intratextuais elencados pela funcionalista Christiane Nord (2016). O próximo passo contou com um projeto de tradução elaborado coletivamente a partir dos mesmos fatores de análise textual de Nord, observando o contexto de chegada. Em seguida, uma dupla de estudantes foi responsável pela elaboração da primeira versão da tradução. Nessa etapa, todos os membros do grupo foram responsáveis pela primeira versão da tradução de um texto ao menos uma vez.

A segunda etapa, ainda em grupo, constituiu-se de encontros semanais — o processo mais longo de todo o projeto. O texto-fonte e a primeira versão do texto-alvo foram expostos de forma espelhada para o grupo cotejar simultaneamente e expor suas leituras, opiniões, críticas e sugestões individuais. Aqui seguimos os pressupostos de Maria González-Davies (2017), que percebe o principal objetivo da tradução colaborativa com fins pedagógicos na conciliação de teoria com práticas através da interação do trabalho individual e em grupo, favorecendo o aprimoramento das práticas. A autora apresenta três princípios pedagógicos da tradução colaborativa: a autonomia para tomar decisões; a consciência, obtida por meio da reflexão e interação; e a autenticidade, alcançada ao vivenciar a prática tradutória.

Essas questões são prioritárias pois as decisões foram tomadas coletivamente: levantamos problemas e discutimos soluções até chegar a um consenso, evitando decisões hierárquicas nas quais o/a professor/a geralmente toma a decisão final. Também trabalhamos com persuasão e liberdade para discordarmos até chegarmos a uma solução que fosse coletivamente satisfatória, pelo menos para a maioria. A proposta do grupo é ser um espaço livre para opinar durante as reuniões, dando voz e autonomia aos membros. Por meio do diálogo, refletimos e interagimos em conjunto sobre a tradução e nos conscientizamos sobre a prática tradutória. Por fim, a autenticidade foi alcançada através da experiência de traduzir e discutir os textos. As trocas de repertório (*sites*, glossários, visões de mundo, soluções tradutórias etc.) entre os membros durante a segunda versão enriqueceu e forneceu conhecimentos procedimentais, declarativos e metarreflexivos sobre tradução. O trabalho envolveu reflexões sobre quais vieses epistemológicos guiaram o saber científico produzido ou analisado em cada texto. Foi necessário falar sobre tradução e sobre o texto que fala de tradução. Seguindo essa proposta, precisamos alinhar ideias, solucionar dúvidas individuais e saber avançar e recuar em grupo.

A terceira etapa de colaboração foi o contato com os/as autores/as dos textos em trocas de *e-mails*. Isso ocorreu quando as discussões em grupo não foram resolvidas de forma satisfatória, quando sentimos a necessidade de pedir autorização para uma interferência ou para informar uma decisão tomada. Esse tipo de colaboração é uma vantagem para quem traduz autores/as vivos/as (e acessíveis).

A quarta etapa caracterizou-se pelo processo de revisão, feito por três membros em processos individuais (a professora e um par de estudantes), através da leitura do texto-alvo completo e limpo, trazendo dúvidas e ajustes compartilhados no próprio artigo.

Por fim, a última etapa de colaboração se resume ao presente artigo. Ao finalizar as traduções, organizamos reflexões individuais compartilhadas e discutidas em grupo a fim de gerar um pensamento coletivo. Revelamos, assim, os desafios que se apresentaram diante de cada tradução e a forma como foram essenciais para estimular a aprendizagem em uma experiência coletiva de formação de tradutores/as e pesquisadores/as. Muitas questões linguísticas, terminológicas, culturais e do próprio conteúdo do texto e de suas intertextualidades forneceram bases de reflexões sobre os processos de aprendizado. A colaboração fortaleceu a confiança e o senso de responsabilidade de cada membro com os/as autores/as dos textos-fonte, com os/as leitores/as dos textos-alvo e com o compromisso de ampliar as possibilidades de acesso livre a teorias de tradução estrangeiras no Brasil.

Processo de metatradução

Todo ato tradutório, como argumenta Theo Hermans ([2007] 2014), requer reflexão. Assim como Susan Bassnett e André Lefevere (1990), entendemos a tradução como reescrita, manipulação e um mecanismo de poder que pode contribuir para a transformação da literatura, de uma cultura ou sociedade. Nesse sentido, traduzir textos sobre tradução também pode auxiliar na evolução do campo disciplinar.

Álvaro Echeverri (2017) observa que o movimento de olhar para o próprio campo se torna mais frequente, e a acessibilidade e circulação de teoria traduzida também podem influenciar e transformar os Estudos da Tradução em um determinado local. Isso nos leva a repensar os Estudos da Tradução em contextos sociais, culturais e acadêmicos, como coloca Odrekhivska (2019) em um processo reflexivo denominado “metavirada” (Echeverri, 2017).

Seguindo os pensamentos de Mary Snell-Hornby (2006), Echeverri sugere que a metavirada dos Estudos da Tradução está relacionada ao interesse atual do campo em observar a sua própria história com estudos bibliométricos, documentos analíticos e de referência, além da tradução de textos sobre tradução. Como ele coloca, a tradução desempenha papéis importantes na formação de tradições literárias e culturais, e pode ser a chave para tornar as diferentes versões dos Estudos da Tradução mais visíveis. São os/as agentes de tradução, afinal, que se dedicam à causa de uma literatura, de um/a autor/a, de uma cultura ou de um texto estrangeiro, traduzindo, escrevendo artigos, ensinando e difundindo conhecimento (Echeverri, 2017).

Echeverri também afirma que traduzir é produzir novos significados e questiona o que acontece quando textos e conceitos dos Estudos da Tradução são traduzidos. Ele entende que

o acesso à tradução dos principais textos tradutórios em todas as línguas possivelmente impactaria o desenvolvimento de discursos tradutórios como conceitos, terminologia e tópicos de pesquisa que se adequariam às versões do panorama tradutório. Assim, Echeverri entende que o inglês poderia, de fato, ainda funcionar como língua franca, mas não à custa da sub-representação ou da ignorância de discursos locais.

Logo, a tradução de teorias da tradução para o português brasileiro democratiza o acesso à teoria para leitores/as que não são proficientes ou não se sentem confortáveis em ler em determinadas línguas estrangeiras. O material em língua portuguesa é mais acessível, por exemplo, em cursos de pós-graduação brasileiros, nos quais as/os pesquisadoras/es em tradução lidam com diferentes pares linguísticos, embora todos/as sejam supostamente proficientes em português. Por isso, o projeto do grupo KiT, ainda que tenha trabalhado somente com tradução da língua inglesa, coletou textos escritos também por falantes não nativos da língua inglesa (quatro espanhóis, uma alemã e um camaronês) e previu a tradução de textos de teóricos que não estão no eixo europeu, na tentativa de trazer visibilidade para pesquisadores/as do Sul Global, incluindo, além do pesquisador camaronês, uma indiana e um sul-africano. Da mesma forma, também propusemos trazer discussões que não circulam ou não se parecem populares na literatura que circula no Brasil (como tradução e desenvolvimento) ou que podem conversar com pesquisas brasileiras (como estudos feministas, decoloniais, não universalistas). A proposta foi trazer textos que mantêm os nomes internacionais mais prestigiados dos Estudos da Tradução no Brasil atualmente, mas também incluir outros nomes que consideramos relevantes. Este é um dos poderes do/a tradutor/a no nosso projeto: escolher seu objeto de tradução e a forma como será traduzido.

Em termos pedagógicos, traduzir teorias de tradução pode, então, ser uma metatradução potencializada: a teoria está para a prática assim como a prática está para a teoria. O nosso objeto de estudo — a tradução — surge de mãos alheias e, por fim, emerge de nossas próprias mãos. Traduzir teorias de tradução é um profundo estudo decorrente de leituras detalhadas e sucessivas do texto em tradução e textos paralelos (frequentemente, eles mesmos outras teorias de tradução), e de escrita seletiva, perceptiva, elegendo prioridades, ética e estética. Tornamo-nos assim, tradutores/as e tradutólogos/as simultaneamente.

Em nossas atividades, levamos em consideração as interpretações coletivas do texto, discutimos até concordarmos com uma leitura possível, trazendo visões individuais, experiências e conhecimentos sobre tradução, língua, linguística, literatura, sociologia, filosofia, feminismo, decolonialismo, funcionalismo, filosofia, tecnologia, cinema, teatro,

medicina, estilo, estética, escrita acadêmica, alteridade, interculturalidade, legendagem, dublagem e outros fatores exigidos de nós em cada situação. Tudo que não conhecíamos ou desconfiávamos, buscávamos nas redes ao nosso alcance, seja na internet ou através, seja com indivíduos proficientes em algum tipo de conhecimento necessário para resolver um problema.

Assim sendo, nossas reflexões aqui presentes se desenvolveram em discussões coletivas sobre as aprendizagens resultantes do projeto. Os tópicos e as percepções foram múltiplos e, para organizar e descrever alguns detalhes, agrupamos nossas discussões dentro de seis categorias que convergem em alguns pontos: “colaboração e incerteza”, “terminologia”, “relações com teorias paralelas”, “contextos interculturais”, “interferências” e “posicionamentos políticos”. A seguir, apresentamos fragmentos de nossas reflexões com base nessas categorias.

Colaboração e incerteza

Categorizamos o primeiro tópico com base no texto que traduzimos de Christiane Nord (2016) e que trata de incertezas, mostrando como dúvidas podem ser resolvidas sob uma perspectiva funcionalista. Como parte cotidiana da vida de qualquer tradutor/a, a incerteza acompanhou nossas tarefas e, nesse sentido, o texto em si foi elucidador. Ainda assim, por estarmos em um processo colaborativo e coletivo de tradução, o modo como as incertezas foram geradas e resolvidas criou um conforto que não existiria em um processo individualizado.

Inicialmente, o processo da tradução apresentou desafios individuais e coletivos. Tivemos que lidar com incertezas em relação a termos, textos e contextos, e refletir sobre isso em diferentes níveis (cultural, pragmático, textual, sintagmático etc.). As incertezas tidas individualmente puderam ser resolvidas nas trocas entre os membros do grupo, e esse processo trouxe segurança, pois várias mentes estavam pensando juntas. Considerando que todos os integrantes têm seu próprio conhecimento de mundo, a depender do assunto ou contexto, suas leituras anteriores e experiências contribuíram para solucionar as dúvidas. O trabalho em grupo também aperfeiçoou o ritmo e a amplitude das buscas e pesquisas por soluções, tornando-as mais dinâmicas. Além disso, utilizamos nossas redes de contato para esclarecimentos, tais como professores/as especializados/as em determinados assuntos e outras pessoas com conhecimentos relacionados à dúvida. Isso mostra a importância da pesquisa na tarefa tradutória, uma atividade certamente permeada de incertezas nos mais diferentes níveis, mas que podem ser resolvidas com pesquisas e trocas de conhecimentos.

Com frequência, as dúvidas foram apontadas por cada um dos membros ao grupo, quando alguém encontrava um problema não percebido pelos demais. Nesse sentido, aprendemos a resolver questões por meio de trocas, além de detectar as incertezas a partir de diferentes perspectivas de leituras. Os olhares múltiplos para um mesmo texto “mapeiam” com mais detalhes os problemas existentes na tradução.

Além disso, como já mencionado, quando não foi possível solucionar uma questão dentro ou fora do grupo, buscamos os/as autores/as. Essa comunicação foi estimulante e estruturadora para concretizar as traduções. Foi, portanto, através da colaboração que as dúvidas e inseguranças puderam ser trabalhadas e lapidadas até a formação de uma ideia mais concreta e segura para seguirmos adiante.

Terminologia

Considerando que a tradução era direcionada a textos de cunho teórico, os desafios no campo da terminologia se apresentaram rotineiros. A busca por um termo não foi somente pelo léxico correspondente, mas pela compreensão do que ele significa naquele contexto específico do texto em tradução. Para tanto, seguimos as ideias de Flávia Lamberti (2022, p. 109) em uma abordagem léxico-semânticaⁱⁱ na busca pelo funcionamento linguístico de um termo em suas relações lexicais estabelecidas com outros a partir de um contexto de uso específico, como em um texto especializado”.

A tradução de um termo e/ou uma ideia que o circunda aconteceu dentro das ferramentas e possibilidades disponíveis em nosso meio: o conhecimento prévio de um ou mais membros do grupo ou de sua rede de contatos, buscas por conteúdo bilíngue em dicionários gerais e especializados, *corpus* paralelo, sobretudo referências bibliográficas, se já haviam sido previamente traduzidos e/ou disponibilizados em português. Nesse sentido, tivemos, inclusive, a influência do espanhol para selecionar termos específicos. Com a alta quantidade de referências presentes no texto de Dols e Calafat (2020), por exemplo, acabamos encontrando referências traduzidas para esse idioma e também alguns conceitos de autoria estrangeira em publicações de pesquisadores/as brasileiros/as nos auxiliando nas escolhas terminológicas.

Alguns termos podem ser facilmente resolvidos em breves pesquisas na internet relacionadas às produções de um/a autor/a. Porém, nem sempre a pesquisa terminológica gera um único resultado. Um exemplo foi o termo “*Skopostheorie*” no texto de Nord (2016). Em textos paralelos escritos originalmente em língua portuguesa que utilizam a teoria, encontramos “teoria do escopo” e “teoria do *Skopos*”. Isso sugere que ambos são aceitos na comunidade dos

Estudos da Tradução no Brasil. Assim, escolhemos “teoria do *Skopos*” por apresentar mais resultados em publicações acadêmicas de periódicos bem conceituados no Brasil, além de teses e dissertações de programas reconhecidos no país.

Em algumas situações, consideramos um conceito incomum para o nosso público-alvo. No roteiro da palestra de Tejaswini Niranjana que traduzimos, encontramos o termo “*New Woman*”, trazendo diferentes possibilidades de interpretação através dos conhecimentos prévios e de pesquisa levantados pelo grupo. Concluímos, assim, que o significado depende do campo a que se refere. Em seguida, o contexto nos levou a referência de Azenha (2018), que tratava de um movimento feminista de libertação na Ásia, e o termo foi, então, explicado em nota.

Algo semelhante ocorreu no texto de Jorge Díaz-Cintas (2004) com “*soundtrack dialogue*”. Na tradução audiovisual, todo o som presente em um material é considerado parte da trilha sonora. Por isso, pensando que o texto é uma introdução no campo da tradução audiovisual, acrescentamos uma nota para enfatizar que o diálogo também faz parte da trilha sonora, pressupondo que o/a leitor/a pudesse limitar o termo às canções presentes em um filme.

12

Já no caso do texto do teórico Joseph Che Suh (2002), encontramos diferentes modalidades teatrais dentro do contexto da África subsaariana — como o teatro sacro, teatro “*masquerade*”, teatro profano, teatro musical —, algo que exigiu bastante trabalho de pesquisa para uma tradução adequada. Essa parte foi desafiadora, pois alguns desses tipos de teatro típicos da África subsaariana não são facilmente identificáveis na cultura-alvo. Outro exemplo foi a expressão “*literary drama*”, um conceito de teatro que mistura aspectos culturais africanos com convenções estéticas europeias/estadunidenses, que traduzimos como “teatro sincrético”. Assim, fizemos uma nota explicativa. Também utilizamos o recurso da nota para a tradução de “*spiral process*”, traduzido como “processo espiralar”, relacionado ao conceito abordado pela ensaísta brasileira Leda Martins (2021).

Por fim, nos deparamos com duas situações em que os termos cunhados por Niranjana não foram localizados em língua portuguesa: “*locatedness*” e “*in-translatedness*”. Para a tradução de “*locatedness*”, buscamos referência no artigo anterior da própria autora e em outros textos para compreender o termo e procurar por traduções em português. Assim, entendemos que poderia ser simplesmente traduzido como “localidade”, sem prejudicar a argumentação da autora. Já “*in-translatedness*” se apresentou mais complexo, pois não encontramos esse conceito em produções de texto originais em língua portuguesa que mencionavam a autora. Percebemos que a própria autora repete o termo cunhado por ela mesma em outras publicações

autorais, mas sempre de forma vaga e, por isso, pedimos para Niranjana explicar o termo. Por conta da complexidade do conceito, decidimos mantê-lo na língua-fonte com uma nota explicativa:

N.T.: termo cunhado pela própria autora e discutido em trocas de e-mail. De acordo com Niranjana, ele existe em um sentido metafórico e subjetivo referindo-se à condição pós-colonial que nunca é “pura”, onde todos existem, por assim dizer, em tradução. Do mesmo modo, não há necessidade de se referir a um original, pois o que temos diante de nós é a tradução.

Esse foi o único termo utilizado via empréstimo devido à singularidade de seu conceito.

Relações com teorias paralelas

Sabemos que todo texto é intertextual (Beaugrande & Dressler, 1981). Textos de teoria, sobretudo aqueles originários de uma investigação ou embasamento bibliográfico, são mais claramente intertextuais. Isso significa que contamos com diversas abordagens teóricas ao longo das traduções, e a não familiarização com algum referencial mencionado pode deixar o texto traduzido obscuro devido a uma interpretação superficial. Entendemos, portanto, que o/a tradutor/a precisa ter contato suficiente com o referencial teórico do texto para entender melhor o que traduz.

No caso do texto de Nord (2016), o processo de metatradução ficou bastante perceptível porque o artigo apresenta as características de uma tradução funcionalista, o arcabouço teórico-metodológico adotado pelo grupo. Nord analisou as traduções para o inglês e alemão da obra da francesa Christiane Olivier, e, a pedido dela, inserimos exemplos da tradução brasileira da mesma obra realizada por Neide Luzia de Resende. Nesse contexto, as definições de “tradução documental” e “tradução instrumental” descritas no artigo guiaram nossas análises acerca da tradução brasileira, permitindo uma contribuição não só como tradutoras, mas também como tradutólogas.

No texto de Kobus Marais (2020), o autor combina a semiótica peirceana da teoria do desenvolvimento e o pensamento da complexidade na perspectiva da tradução. Durante o desenvolvimento do trabalho, tivemos que nos familiarizar com essas propostas teóricas com base em teorias já conhecidas e pensadas sob outros paradigmas. Isso refletiu no repensar da própria tradução em curso e, também, nas pesquisas e trabalhos que fazem parte da nossa

trajetória como tradutores/as. Por exemplo, foi necessário estudar e discutir a semiótica de Peirce para entender como ela se desenvolve no pensamento de Marais, demandando, assim, bastante conhecimento intertextual.

Aqui, os Estudos da Tradução também evidenciam sua natureza interdisciplinar, transdisciplinar e transversal. Outro exemplo que demandou um conhecimento intertextual foi o texto de Dols e Calafat (2020), também exigindo bastante compreensão de diferentes teorias da filosofia e sociologia no âmbito da tradução. Além disso, o texto de Niranjana, justamente por abordar tradução feminista, nos levou a métodos de tradução feminista apontados por outras teóricas feministas, como as categorias de Luise von Flotow ([1991] 2021).

Contextos interculturais

Alguns contextos culturais apresentaram certo distanciamento do contexto da cultura brasileira, para a qual os textos foram projetados. Ainda que os textos do *corpus* façam parte de um público-alvo semelhante, ou seja, acadêmicos/as da tradução e suas interfaces que compartilham de uma cultura mundialmente presente, a cultura nacional é um grande diferenciador, como Adrian Holliday, Martin Hyde e John Kullman (2004) nos relembram ao discutirem as várias camadas e subdivisões culturais de como os seres humanos se organizam. Em outras palavras, entendemos que nem sempre os contextos culturais nacionais, institucionais ou linguísticos da humanidade dos textos-fonte são facilmente reconhecíveis na cultura-alvo. Por isso, algumas vezes, fizemos mediações culturais para explicitar situações específicas das culturas-fonte que estão implícitas nos textos-fonte para facilitar o entendimento da argumentação. Apesar de todos os textos apresentarem conflitos culturais em algum nível na tradução, trazemos como exemplo aqueles mais culturalmente marcados da nossa atividade: os textos de Che Suh e de Niranjana.

No texto de Che Suh, o cerne da discussão é demonstrar o que o/a tradutor/a deve levar em conta quando for traduzir um texto teatral africano, especificamente da África subsaariana. Por isso, a análise do contexto cultural foi importante na tradução. O autor sugere considerar, por exemplo, as características regionais do local de origem do texto: se a peça serve a um propósito ritualístico ou de entretenimento, se foi documentada por escrito ou passada através das gerações de forma oral etc. Essas questões guiaram o nosso processo tradutório na tentativa de não domesticar práticas que pudessem ser mais facilmente reconhecidas para o público brasileiro, levando-nos a adicionar notas explicativas.

Já no texto de Niranjana, pesquisamos os aspectos culturais indianos para garantir que

o público-alvo brasileiro compreendesse as referências da autora. A seguir, exemplificamos algumas situações em que a autora apenas mencionou eventos já conhecidos para um público indiano e julgamos necessário acrescentar notas para que os aspectos culturais fossem compreendidos pelo público-alvo.

A autora menciona o concurso de beleza Miss Mundo 1994, ciente das implicações desse evento. Para isso, explicitamos o resultado: uma vencedora Indiana e as manifestações que o concurso acarretou na Índia em termos de sexismo e ocidentalização da cultura Indiana. Ela também comenta sobre o debate jurídico em torno do Código Civil Uniforme nos anos 1990, e nossa nota consiste em elucidar que se tratou de um grupo de mulheres que visava a modificar leis discriminando indivíduos por causa do gênero. No mesmo trecho, Niranjana menciona a controvérsia envolvendo o filme Fogo e Desejo (*Fire*, 1996) para discutir o engajamento da política feminista Indiana. Nesse momento, comentamos a polêmica no país em torno da construção de relacionamentos amorosos lésbicos do filme. Por fim, a autora também cita o sistema de castas na Índia e as situações das mulheres *dalit*, também explicitado para esclarecer o desprivilégio de não pertencer a uma casta em algumas regiões do país.

15

Interferências

A discussão se originou nas discussões geradas com base no texto traduzido de Franco Aixelá (2009), sobre interferências em traduções técnico-científicas. O autor reconhece que, nesse tipo de texto, a interferência ocorre desde os níveis lexicais até os pragmáticos, trazendo exemplos de empréstimos e calques. O texto nos fez questionar a definição de interferência, pois tivemos de realizar interferências tradutorias em vários níveis em todos os textos.

No que tange às interferências lexicais, fizemos interferências diversas no próprio texto de Franco Aixelá. O autor, por exemplo, comenta sobre perspectivas e rótulos de diferentes tipos, mencionando, entre outros, a mistura de pares de idiomas, como “*polglish*” (polonês + inglês). Optamos por mudar o par de idioma para “portunhol”, já que o conceito faz parte do contexto brasileiro, enquanto “*polglish*” seria uma expressão desconectada da nossa realidade. O autor também usa a expressão “*scientific and technical translation*”, e, a princípio, cogitamos usar “tradução especializada”, por parecer um termo mais atual nos Estudos da Tradução no Brasil. No entanto, após conversarmos com o autor, optamos pelo termo “tradução técnico-científica”, para que fosse específico. Ainda assim, em alguns momentos, usamos o termo “tradução especializada” para traduzir “*technical translation*”, levando em consideração a área de especialidade que um/a tradutor/a precisa circular para traduzir certos textos.

Além disso, mantivemos os calques do inglês do texto-fonte, como o termo “randomizado” usado na medicina em espanhol e que também funciona no português brasileiro. Já o calque do inglês para o espanhol “*ciencia ficción*” não funciona na nossa língua e, por isso, colocamos entre parênteses a expressão “ficção científica” em português para diferenciá-la do caso em espanhol.

No texto de Dols e Calafat (2020), há menção ao termo “*worksites of democracy*”, de Étienne Balibar. Não encontramos correspondência em português que estivesse relacionada ao autor. Fizemos buscas por palavras-chave combinando “obra(s)”, “local(is)”, “planta(s)”, “canteiro(s)” e “canteiro(s) de obras” junto à expressão “da democracia”. Todas as combinações foram encontradas em pesquisas ou textos jornalísticos brasileiros, ainda que com pouca frequência e nenhuma delas relacionada a Balibar. Assim, cocriamos a ideia de Balibar em português. Entendemos que o termo vem da ideia de que a democracia é um movimento em construção. Dessa forma, dentro das combinações possíveis, descartamos as palavras “locais” e “plantas”. “Obra” também foi descartada após observarmos que a combinação é mais utilizada em situações concretas do que abstratas. Tendo em vista a economia de palavras, optamos, então, por “canteiros da democracia”, expressando a ideia de movimento, de forma abstrata ou concreta.

Além disso, fizemos interferências de atualização. O artigo de Díaz-Cintas (2004) é um marco para a área da Tradução Audiovisual (TAV) devido ao apanhado histórico sobre legendagem. No entanto, após vinte anos, algumas atualizações se tornaram necessárias para refletir desenvolvimentos mais recentes. Na época em que o texto foi publicado, a legendagem produzida para cinemas e DVDs foi o parâmetro do estudo. Atualmente, com a popularidade das plataformas de *streaming*, as atividades de *fansubs* e a necessidade de tornar conteúdos acessíveis, a pesquisa sobre TAV ganhou mais força. Assim, a tradução do artigo ganhou uma característica documental e histórica para futuras pesquisas bibliométricas em TAV.

Com essa distância temporal em consideração aos avanços tecnológicos e estudos da legendagem, atualizamos os links para sites citados no texto. Em um caso específico, o texto-fonte menciona que o grupo virtual TRAG funciona por lista de e-mail, mas descobrimos que está, atualmente, disponível no Facebook. Portanto, acrescentamos um parágrafo informando a mudança de plataforma.

Quanto a interferências de acessibilidade, ainda no mesmo texto, escolhemos inserir, entre parênteses, traduções literais de títulos de pesquisas citados em outras línguas para clarificar o conteúdo. Por fim, sobre interferências de estilo, nos atemos à escrita mais

descontraída do autor, tentando manter expressões idiomáticas e metáforas no português brasileiro — a expressão “*taken over the reigns*”, por exemplo, foi traduzida por “assumiu as rédeas”.

Posicionamentos políticos

Por estarmos lidando com teorias de tradução a serem publicadas em um periódico especializado, tivemos uma autonomia que, no mercado editorial e comercial, poderia precisar de concessões ou sofrer restrições. Assim, pudemos considerar algumas questões políticas no projeto e apresentamos reflexões sobre autoria, visibilidade e emancipação. Para essa discussão, resgatamos o texto de Dols e Calafat (2020) sobre emancipação, porque buscamos pelo potencial emancipatório dos/as tradutores/as. Durante o processo de tradução dos textos, fizemos escolhas que mostram os nossos posicionamentos políticos. Como exemplo, no texto de Nord (2016), escolhemos utilizar a expressão “tradução brasileira” em vez de “tradução para o português (brasileiro)”, a fim de dar ênfase ao país em vez da língua.

Um posicionamento de nosso costume é fazer adequações de gênero e distinguir os gêneros masculinos e femininos no intuito de garantir representatividade (exemplo: tradutor/a) e, portanto, evitar o “masculino neutro”. Sabemos que, ainda assim, a decisão exclui gêneros não binários. No caso do texto de Niranjana, fomos mais além, pois tomamos a decisão de fazer uma tradução feminista de um texto feminista e, por isso, posicionamos o gênero feminino na frente (exemplo: “*some scholars have investigated*” traduzido como “algumas/ns teóricas/os investigaram”). Além disso, sendo o feminino acrescido de uma letra, decidimos pluralizar o substantivo e posicionar o feminino na frente (exemplo: “*translator*” traduzido como “tradutoras/es”).

Utilizamos, ainda, notas de tradução em todos os textos, uma prática comum em traduções feministas (Flotow, [1991] 2021), mas que também entendemos como tradução emancipatória, ou seja, uma forma de evidenciar o nosso extenso trabalho de pesquisa. No mais, caso houvesse traduções publicadas em português que pudessem ser utilizadas em citações, incluímos os/as tradutores/as nas referências como forma de valorizar seus trabalhos intelectuais.

Por fim, o posicionamento central do grupo foi dar destaque a vozes do Sul Global nos Estudos da Tradução do Brasil. Assim, selecionamos três nomes para o nosso projeto: a indiaña Tejaswini Niranjana, o camaronense Joseph Che Suh e o sul-africano Kobus Marais. No caso de Niranjana e Che Suh, são pessoas que falam de seus próprios lugares, com visões internas e

autênticas. Nossa proposta é alimentar os Estudos da Tradução no Brasil também com teorias estrangeiras do Sul Global, já que, tradicionalmente, temos mais acesso às teorias do Norte Global. Mesmo que ainda exista um distanciamento entre esses países e o Brasil em termos de diálogo intelectual, traduzir esses textos é uma tentativa de colaborar com o processo de “dexotização”, pois parece sempre haver um continente europeu entre nós.

Considerações finais

A tradução pode ser um processo em que incertezas e soluções são encontradas por um único indivíduo. A tradução colaborativa e coletiva, por outro lado, mostra um espaço de discussão que permite uma maior riqueza de interpretações e redes de apoio para solucionar dúvidas. Ainda que o caminho da tradução possa se mostrar bem mais longo até haver um consenso, o processo fica mais fácil conforme a tradução se desenvolve. A tradução colaborativa e a tradução coletiva não são necessariamente mais fáceis ou difíceis, contudo, exigem que os/as tradutores/as estejam dispostos/as a receber sugestões e críticas. Isso também enriquece a tradução individual, pois novos saberes estão sendo adquiridos a todo momento por cada integrante do grupo.

Traduzir teorias de tradução gera uma intensa reflexão durante o ato tradutório. Conseguimos perceber novas situações, observar fenômenos e aplicar estratégias apontadas pela teoria. Assim como uma pedagogia crítica não se vê em fórmulas rígidas de ensino, cada texto traduzido deve gerar reflexões diferentes. Essas reflexões reforçam a metarreflexão do ato de traduzir porque são textos que falam de tradução, seja de forma mais subjetiva, seja de forma mais objetiva, conversando com o fazer tradutório em si e potencializado pelo ambiente pedagógico que se encontra (um ambiente coletivo de trocas de saberes). Dependendo do caso, a aprendizagem pode ser provocada por textos de teoria selecionados para discussão ou reflexões específicas voltadas à modalidade ou ao gênero definido para o trabalho em sala de aula. De qualquer forma, traduzir é uma forma profunda de ler e conhecer, produzir e criticar algum material. Traduzir teorias de tradução, portanto, é uma grande aliada para o aprendizado teórico e prático de tradução.

Com esse projeto de metatradução, as vivências como tradutor/as e como tradutólogo/as se atravessam e, muitas vezes, até se confundem. Durante o processo, observamos o fortalecimento da nossa autonomia e, através da feitura, contribuímos com o arcabouço de pesquisa acadêmica nos Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

- AZENHA, T. S. F. (2018). *Para além do silêncio: o sistema de conforto e o papel dos movimentos feministas na questão das Mulheres de Conforto na Coreia do Sul: 1905–2015* [Tese de doutorado, Universidade Católica Portuguesa]. <http://hdl.handle.net/10400.14/26745>
- BASSNETT, S., & Lefevere, A. (Eds.). (1990). *Translation, history and culture*. Pinter.
- BEAUGRANDE, R.-A. de, & Dressler, W. U. (1981). *Introduction to text linguistics*. (Vol. 1). Longman.
- CHE SUH, J. (2002). Some considerations in the translation of African drama. *Meta*, 47(3), 370–374. <https://doi.org/10.7202/008021ar>
- DÍAZ-CINTAS, J. (2004). Subtitling: the long journey to academic acknowledgement. *The Journal of Specialised Translation*, 1, 50–68. <https://doi.org/10.26034/cm.jotrans.2004.730>
- DOLS, G., & Calafat, C. (2020). Cultural translation, universality and emancipation. *Translation & Interpreting: The International Journal of Translation and Interpreting Research*, 12(2), 92–105. <https://doi.org/10.12807/ti.11222.2020.a08>
- ECHEVERRI, Á. (2017). *About maps, versions and translations of Translation Studies: A look into the metaturn of translatology*. Perspectives, 25(4), 521–539. <https://doi.org/10.1080/0907676X.2017.1290665>
- ESCALANTE, A. (2023). Acompanhar processos na formação de tradutores: um esboço cartográfico. In G. Malta (Org.), *Ensino de Tradução e de Línguas: reflexões e propostas didáticas*. Pontes.
- ESQUEDA, M. D. (2019). *Tecnologias da tradução e pedagogia colaborativa*. *Tradterm*, (34), 48–80. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v34i0p48-80>
- ESQUEDA, M. D., Morais, C. F., & Ferreira, G. A. (2023). “Preparando o terreno”: palavras introdutórias dos tradutores à tradução do texto de Don Kiraly (2012), Cultivando uma pedagogia da tradução baseada em projetos: uma perspectiva fractal. *Belas Inféis*, 12(1), 1–23. <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v12.n1.2023.46755>
- FLOTOW, L. von. (2021). Tradução feminista: contextos, práticas e teorias (Tradução de Ofir Bergmann de Aguiar & Lilian Virgínia Porto). *Cadernos de tradução*, 41(2), 492–511. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e75949>. [Texto originalmente publicado em 1991]
- FRANCO AIXELÁ, J. F. (2009). An overview of interference in scientific and technical translation. *The Journal of Specialised Translation*, (11), 75–87. <https://doi.org/10.26034/cm.jotrans.2009.640>
- FREIRE, P. (2021). *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra.

-
- GONÇALVES, J. L. V. R. (2020). A Formação Acadêmica do Tradutor e o Espaço do Conhecimento Teórico (e Metateórico) sobre Tradução. In G. Pereira, P. R. Costa, & R. D'Avila (orgs.), *Formação de Tradutores: desafios da sala de aula*. Pontes.
- GONZÁLEZ-Davies, M. (2017). A Collaborative Pedagogy for Translation. In L. Venuti (Org.), *Teaching Translation: Programs, Courses, Pedagogies* (pp. 71–78). Routledge.
- HEIM, M. H., & Tymowski, A. W. (2006). *Guidelines for the translation of social science texts*. American Council of Learned Societies.
- HERMANS, T. (2014). *The Conference of Tongues*. Routledge. [Texto originalmente publicado em 2007]
- HOLLIDAY, A., Hyde, M., & Kuhlmann, J. (2004). *Intercultural Communication: an Advanced Resource Book*. Routledge.
- KIRALY, D. (2012). Growing a Project-Based Translation Pedagogy: A Fractal Perspective. *Meta*, 57(1), 82–95. <https://doi.org/10.7202/1012742ar>
- LAMBERTI, F. (2022). A terminologia como parte da formação do tradutor. In G. H. Pereira, P. R. Costa & R. D'Ávila (Org.), *Formação de Tradutores: desafios da sala de aula*. Editora Pontes.
- MALTA, G. (2022). O Impacto do Ensino Remoto nos Estilos de Aprendizagem e de Ensino de Estudantes e Professores de Tradução: uma reflexão didático-pedagógica. In G. H. Pereira, P. R. Costa & R. D'Ávila (Org.), *Ensino de Tradução Remoto e a Distância: desafios e propostas em tempos de pandemia*. Editora Pontes.
- MARAIS, K. (2020). Putting meaning back into development; or (semio)translating development. *Journal for Translation Studies in Africa*, (1), 43–58. <https://doi.org/10.38140/jtsa.vi1.4331>
- MARTINS, L. M. (2021). Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela. Cobogó.
- NORD, C. (2016a). Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática (Tradução de M. E. Zipser, C. Nord, H. C. de Almeida, J. Abreu, M. A. Aio & S. A. Polchlopek). Rafael Copetti Editor. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186875>
- NORD, C. (2016b). Skopos and (un) certainty: how functional translators deal with doubt. *Meta*, 61(1), 29–41. <https://doi.org/10.7202/1036981ar>
- ODREKHIVSKA, I. (2019). The metaturn in translation studies, and the images of knowledge on translation. In M. Organ (Org.), *Translation Today: Literary Translation in Focus*. Peter Lang.

PFAU, M. (2023). Por uma pedagogia crítica de tradução. *Tradução em Revista*, (34), 222–243. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.62849>

SNELL-HORNBY, M. (2006). *The turns of translation studies*. John Benjamins.

ⁱ Como são assuntos diversos nos Estudos da Tradução, o público, ainda que seja considerado acadêmico, certamente varia devido aos seus interesses individuais.

ⁱⁱ Lamberti (2022) segue a abordagem léxico-semântica de Marie-Claude L'Homme, que inclui análise dos termos como unidades lexicais, descrição do sentido especializado e suas relações tanto paradigmáticas quanto sintagmáticas.